

## NA RESERVA THAFENE: O COTIDIANO FULNI-Ô E KARIRI-XOCÓ EM LAURO DE FREITAS – BAHIA

Leliana Santos de Sousa<sup>1</sup>  
Jaqueline Vieira Barreto<sup>2</sup>  
Valuza Maria Saraiva<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo apresentar o videodocumentário realizado com a Comunidade Indígena da Reserva de Lauro de Freitas-Bahia e o Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional da UNEB, referente ao projeto *Saberes, práticas, educação, e desenvolvimento: retratos da saga indígena Fulni-ô e Kariri-Xocó no Nordeste Brasileiro*, desenvolvida com apoio do CNPq e em parceria com Estelle COLL, cineasta, técnica da Universidade de Sophia Antipólis Nice. Trata-se de refletir elementos do cotidiano da experiência coletiva pelos índios que habitam a reserva, sujeitos dessa investigação. Esses elementos revelam a lida pela afirmação étnico-cultural e conhecimentos indígenas ratificados pelas categorias identificadas através da pesquisa sobre a interferência cultural na relação com o saber que aborda tais categorias como referenciais da diferença para inclusão de conteúdos na educação do Estado da Bahia. A partir da abordagem metodológica com participação efetiva dos sujeitos de pesquisa, com técnicas diferenciadas no viés da *pesquisa pelos práticos*, segundo Ruth Canter Kohn, (1997), os princípios norteadores *etnometodológicos* de Harold Garfinkel (1967), e a produção do documentário indígena em forma de DVD; observa-se que os referidos conhecimentos não são instituídos na educação e que o acesso de indígenas à educação pressupõe a interferência e implicação dos saberes, dos formadores e da formação no sistema pedagógico educativo para uma prática e articulação possíveis entre elementos emergentes para um sistema político-pedagógica de interferência cultural na educação.

**Palavras-chave:** Saberes. Prática. Cotidiano indígena. Sistema de interferência cultural.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Educação pela Université Vincent Saint-Denis – Paris 8. Orientadora. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Política Pública, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia (PGDR/UNEB). Coordenadora do Projeto Saberes, práticas, educação, e desenvolvimento: retratos da saga indígena Fulni-ô e Kariri-Xocó no Nordeste Brasileiro.

<sup>2</sup> Mestranda em Política Pública, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Política Pública, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia (PGDR/UNEB). Analista de Sistema da Universidade do Sudoeste da Bahia (UESC).

<sup>3</sup> Mestranda em Política Pública, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Política Pública, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia (PGDR/UNEB). Professora do Ensino Médio e Técnica da Coordenação Indígena da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

O vídeo-documentário realizado com a Fundação Thafene, Reserva indígena situada em Lauro de Freitas-Bahia e o Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional da UNEB, uma produção de Estelle COLL, cineasta, técnica áudio-visual da Universidade de Sophia Antipólis Nice é uma proposta constante no projeto de pesquisa *Saberes, práticas, educação, e desenvolvimento: retratos da saga indígena Fulni-ô e Kariri-Xocó no Nordeste Brasileiro*, desenvolvida com apoio do CNPq e parceria com a UNEB e a Universidade de Nice Sophia Antipolis. A idéia em apresentar esse vídeo corresponde também à expectativa dos indígenas enquanto práticos pesquisadores inseridos no contexto da pesquisa tanto porque eles constituem o corpo de atores do cotidiano da Reserva quanto por estarem implicados assumindo a postura de prático-pesquisador o que nos fez buscar a concepção da pesquisa pelos práticos conforme Ruth Canter Kohn, (1997).

Trata-se de refletir elementos do cotidiano da experiência coletiva com jovens indígenas que habitam a reserva, sujeitos dessa investigação e que se constituem como homens, mulheres e crianças; pais, mães e filhos, responsáveis por tecer o dia-a-dia buscando descobrir maneiras para suportar a própria sobrevivência dentro de um outro espaço social-cultural e meio-urbano, num movimento de reinvenção da herança cultural trazida na bagagem de uma trajetória infinda. Esses elementos revelam a lida pela afirmação étnico-cultural e conhecimentos indígenas ratificados pelas categorias identificadas através da pesquisa sobre a interferência cultural na relação com o saber que aborda tais categorias como referenciais da diferença para inclusão de conteúdos na educação do Estado da Bahia. A abordagem metodológica foi sendo construída com participação efetiva dos sujeitos de pesquisa no viés da *pesquisa pelos práticos e assumindo a postura de prático-pesquisador* e dos princípios norteadores *etnometodológicos* de Harold Garfinkel (1967), para a produção do documentário indígena em forma de DVD. Observa-se que os referidos conhecimentos resultantes não são instituídos e que o acesso de indígenas à educação pressupõe a interferência dos saberes daqueles em formação e dos formadores num sistema pedagógico educativo para uma prática de articulação intersetorial considerando os referenciais étnicos culturais emergentes para uma política-pedagógica de interferência cultural.

**“Uma jornada na Thafene”**

A marca no vídeo “uma jornada na Thafene” se configura a partir de dois níveis: o descritivo-analítico, que se caracteriza pela apreensão densa, ampla e qualitativa do universo pesquisado compreendendo a complexidade das relações; e o nível de enquadre analítico das interações face à face. Na prática pode-se dizer tratar-se de uma perspectiva etnocenológica que tem sua origem na maneira metodológica de raízes etnográficas delineada na investigação científica. Observamos a dialética da dimensão particular que se articula com a geral orientada pelas questões hipotéticas progressivas provocando o movimento reflexivo - da situação contextual da mobilidade interna indígena -, enquanto objeto de estudo que se faz presente diante do olhar do expectador e do processo de construção do significado ganha qualidade e validação.

Nesse sentido o vídeo enquadra-se num estudo mesmo de natureza etnográfica possibilitando principalmente o estudo do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária. Um longo período de trabalho e observação com e junto ao grupo estudado foi necessário para a validação do significado dessa produção tanto pelos indígenas quanto pelos pesquisadores, o que no caso foi um desafio no processo metodológico visto que a idéia era tornar os indígenas membros do grupo pesquisador.

Os momentos de reflexão aconteceram em três territórios diferenciados: na Reserva, na Universidade, na Aldeia e em instituições escolas ou em espaços alternativos organizados por amigos, cujas reflexões eram precedidas de apresentações da cultura através dos próprios indígenas Fulni-ô e Kariri-Xocó. O processo de pesquisa foi marcado sempre pela manifestação artística de Wakay, indígena Fulni-ô e líder do grupo familiar da Reserva Tha-fene, ficando evidente sua qualidade inerente/imane de músico-artista indígena e de domínio de um saber matricial, que clama por reconhecimento ancestral.

Constata-se através das cenas do vídeo que na reflexão-ação da relação social no mundo e de modo singular nas relações com os saberes (Charlot 2000), seara da educação enraizada em contextos históricos de lutas e movimentos diferentes e multirreferenciais (Ardoino, 2002) pela transformação social, lembrando de autores como (Gohn, 1995, 1997; Kowarick, 1994 e Sader, 1988); que se torna possível “co-laborar” novas relações originando modelos interculturais à altura da complexidade dos desafios contemporâneos de educação, saúde e ocupação profissional para uma hominescência que visualiza uma “nova e extensa educação política e social” onde os saberes das áreas pedagógicas, sociais e humanas sejam mesclados aos saberes das chamadas áreas duras, exatas (Serres, 2003;

Lévy et Authier, 1995; Lévy, 1993). Mas sobretudo que os saberes e práticas sejam forjados com o liame oriundo das matrizes ancestrais dos povos indígenas. O desafio nesse universo foi travar a luta na busca do equilíbrio dos seus saberes, seus atos e suas condutas. Ser prático-pesquisador além de desafio, ao trazer à tona o “reassumir” a vida indígena marcada pela saga histórica e social de submissão e recalque constituiu-se num analisador que evidenciou ambivalências e contradições, ao mesmo tempo constitutivas da identidade e da diferença étnico-cultural, assinalando positivamente o exercício de uma postura, cujas ações dos sujeitos caracterizaram-se como reagentes às forças de sulbaternidade, às quais se está submetido. (Bhabha, 1998; Geertz, 1978).

Vivenciou-se momentos de extrema sensibilidade e muita emoção, momentos lindos de que só é possível lembrar das sensações sentidas e de que essas, mesmo sendo poéticas, na sua intensidade da emoção tanto falava-se na tentativa de explicar o que se sentia, que as palavras, ainda que por si, poéticas, mais souberam questionar: sob quais parâmetros poderiam ser ancoradas novas iniciativas de gestão para a sustentabilidade dos saberes tradicionais visando a manutenção das diversidade de culturas, valores e práticas no planeta; a universalização do atendimento à educação diferenciada, à saúde, à habitação e seguridade social, na perspectiva do espírito da natureza humana ?

Observa-se no vídeo que a ação dos sujeitos se efetiva a partir do sentido que eles atribuíram não só às situações, mas às pessoas e aos objetos; construindo assim a significação socialmente. A interação constituiu-se processo de construção circunstancial formador do ambiente. Vemos o ator social indígena enquanto agente ativo elaborador de esquemas de interação. Neles estão compreendidos a história, valores, riscos e limites. Enquanto *pesquisadores práticos* de acordo com Ruth Canter Kohn, (1991 e 1982) os práticos são sujeitos que podem desenvolver a pesquisa em co-laboração com os pesquisadores acadêmicos surgindo daí a noção de implicação., isto é, nesse caso, o indígena - sujeito está envolvido de tal maneira na situação e no contexto da questão explicitada que mesmo em um espaço diferenciado, ele não esquece sua matriz identitária.

Essa produção poderá servir de suporte para a articulação e difusão de conhecimento sendo disponibilizada para as escolas públicas com a devida autorização da associação Indígena Thá-fene, atendendo a Lei 11.645/2008, que dispõe sobre a inclusão da história e cultura indígena brasileiras nos níveis básicos da educação. Além de contribuir para o desenvolvimento das comunidades Tradicionais e Povos Indígenas

considerando as políticas do Governo nos setores de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, de Promoção da Igualdade Racial e de Extensão para as referidas comunidades, participando de debates a respeito de um novo paradigma de desenvolvimento, e buscando formas, mesmo que provisórias e parcialmente coerentes, de fortalecimento organizacional das sociedades e de valorização do alto grau de conhecimento tradicional acumulado empírica e historicamente por estas comunidades.

Os métodos utilizados pautaram-se em: incursões à aldeia Fulni-ô e à aldeia Kariri-Xocó; incursões à Reserva Tha-fene. Cadastramento dos membros do grupo pesquisador. Entrevistas aos membros do grupo pesquisador; entrevistas aos membros da reserva Tháfene; Debates sobre os saberes e as práticas indígenas. Reuniões para reflexões sobre a questão de pesquisa e a metodologia de pesquisa; Preparação metodológica. Reuniões para reflexões sobre os temas abordados no vídeo documentário piloto; Filmagens. Debates sobre os saberes e as práticas abordados no vídeo documentário preliminar – primeira versão, através de reuniões do grupo de pesquisa e de apresentações em encontros e colóquios com efetiva participação indígena. Características de Saberes, práticas, acesso e desenvolvimento na perspectiva da saga indígena obtidas pela combinação entre os resultados da pesquisa empírica (observações, entrevistas); e reflexões teóricas com o grupo pesquisador universitário; Discussão sobre o vídeo documentário, segunda versão: os destinatários; os produtos; os resultados da pesquisa... Os indígenas participaram das fases de preparação metodológica enquanto membro do grupo prático-pesquisador e enquanto pesquisado de modo a evidenciar a tênue relação: instituído-instituente (Lourau, 2003); e praticar a “reflexão-ação” (Freire 1987).

Chamamos atenção para a figura do indígena Wakay que evidencia domínio de conhecimento ancestral e grande sensibilidade artística, e que vive a luta do cotidiano para sua sobrevivência e de sua família. Quando ele se apresenta as pessoas admiram sua expressão, sua arte, no entanto o reconhecimento fica limitado aos amigos próximos. Um outro aspecto é de que a individualidade indígena é coletiva, apesar dele ser representante de seu grupo familiar, “o pássaro do sol”, escolhido pelo seu povo, aquele que vai levar sua cultura ao mundonão se vê nem se pensa no mundo sem sua família, esposa, filhos e parentes da Aldeia, pois que ele é Wakay porque é Fulni-ô Kariri-Xocó.

O pertencimento ao coletivo contraria as leis do individualismo, valorizando primeiro sua ligação e reconhecimento de sua comunidade. A perda do laço de pertencimento à sua comunidade reflete na assunção da própria identidade. Isto se verifica

historicamente e vale tanto para a população indígena quanto para as comunidades de terreiro. Portanto vir habitar a Reserva Thá-fene implica primeiro num duplo pertencimento: de conhecer outro lugar, estado, cidade, bairro, novas gentes; de convivência com este grupo familiar liderado pela família de Wakay e Lyngo. E da aldeia como lugar de encontro familiar onde se encontra a própria inteireza de ser etnicamente cultural indígena.

Assim observando a trajetória e o cotidiano dos habitantes da Thá-fene destacamos elementos seguintes partindo de suas relações do dia-a-dia, instituídas e que vão se instituindo e se transformando, território-tempo-espaço e de resistência-velocidade, em cada momento. Esses conceitos atualizam a questão dos saberes, das práticas e do acesso ao conhecimento que não são possíveis de serem pensados de modo sócio-educativo-político e histórico fora do ético-filosófico-ancestral. Foi este o diferencial. O trabalho conceitual referente aos saberes, as práticas e ao acesso ao conhecimento tem uma relação de constituinte indígena; pois é junto a ele que se pode analisar de perto a dinâmica de sua relação educativa, os conceitos, as ocorrências do cotidiano relacionadas à aplicação e utilização do território-espaço-tempo e da resistência.

Essa reconstrução permite compreender de forma extraordinária o movimento histórico-geográfico indígena no tempo, resultando, com efeito, de uma parte da generalização dos conceitos, e de outra, que as expressões desses conceitos são suscetíveis de se deduzir uma da outra pelo procedimento de diferenciação e de integração de ser indígena e do ser; da relação com o espírito da natureza, do imaterial. No caso é o conjunto: aldeia-reserva Thá-fene ser si mesmo, ser pai, mãe, filho, líder, mestre, artista, indígena; esse pertencimento é o que é relevante e é, sempre, simplesmente esquecido quando não mostrado de forma um tanto quanto limitada por pesquisadores e/ou mesmo historiadores pelas reivindicações e lutas para o resgate e demarcação das terras, outrora perdidas.

A imagem indígena que vemos nas cenas não é centrada na razão dessa limitação a ótica de uma parte de pesquisadores à maneira positivista que vêem o indígena como um instrumento à serviço da dominação privilegiando em seus trabalhos a análise histórica a dos povos indígenas no Brasil enquanto primeiros habitantes, práticas e a relação de acesso ao conhecimento indígena, toma sentido num campo. Não é propósito do vídeo negligenciar o conhecimento indígena, o contrário, o vídeo atrai o telespectador a imaginar, desejar saber mais da sua sabedoria e ancestralidade, dos seus saberes e práticas

enquanto ciência, enquanto episteme, como se para entender-se a si mesmo. Isto é busca-se quase sempre reconhecer o efeito da ação do conhecimento propriamente indígena na política de educação, no modo *vivendis*, do espírito, do lado de dentro da coordenação, a coerência e a gênese conceitual. É precisamente sobre esse terreno que se situa o esforço de nossa pesquisa. Neste sentido é interessante destacar que se as fórmulas ou regras gerais resumem os diversos resultados, tudo sob uma só dimensão, eles são também pontos de vista de partida para novas investigações. Com toda a evidência da luta dos povos indígenas toma-se mais consciência apenas do seu valor mais específico cultural e caricatural. A orientação na direção do conjunto de leis ou regras reguladas por procedimentos lógicos vinculados ao dia-a-dia revela uma especialidade, cujo estilo abre a via do que poderá ser a epistemologia indígena.

Reconhecemos que há necessidade de se re-construir um modelo epistemológico indígena experimental no ensino básico na escola pública. As interações no início podem ser frágeis, pois que oscilam em estado de vulnerabilidade e sugerem a possibilidade de descobertas de interações não normalisáveis, *à priori*, mas a existência pode ser conjecturada pelo modelo sendo necessários parâmetros teóricos que evidenciem o valor crítico com precisão análoga. A interferência cultural diz respeito ao conhecimento das identidades civilizatórias plurais nas quais se enraízam as referências dos atores, da escola e do trabalho de geração de novas identidades culturais, ligado à lógica dos magmas (CASTORIADIS, 1975), pode-se perceber interações fundamentais onde a dinâmica coletiva, mesmo de um pequeno grupo, caracterize o engendramento de novas relações com os saberes. O ponto de vista baseado sobre o grupo e na idéia de interação depende da escala de observação, o que significa não somente procurar uma imagem indígena coerente com a teoria existente, mas construir um quadro no qual, novos fenômenos podem ser discutidos.

Isso implica compreender que investigar saberes de relação com o espírito da natureza, quando se pode sentir a presença do espírito, do imaterial pela beleza que se apresenta sem palavras, independentemente da aparência material externalizada ali, naqueles momentos, cujos objetos de estudo se caracterizam pela singularidade e por vezes temporários como campos que não são necessariamente coerentes, o que pode provocar substituição por uma teoria considerada mais fundamental, porém de natureza radicalmente diferente. Quando sua compreensão somente poderá se dá pela lógica da complexidade (MORIN, 1999), pois que a complexidade se aproxima de um ruído oriundo do caos, dada

a incerteza do comportamento humano não previsível e das situações sociais não lineares. Vivenciamos essa complexidade na experiência indígena, a partir da própria escola no idioma Fulni-ô e da experiência na reserva Thá-fene em Lauro de Freitas-Ba.

Creditamos ao processo de pesquisa instaurado a integração dos membros pesquisadores e sua formação para a pesquisa pelos práticos para a pesquisa, primeira meta prevista. Em seguida a produção do vídeo. Por isso, foi desenvolvido um instrumento de sistematização e análise dos trabalhos na forma de uma ficha cadastral e entrevista utilizando-se como estratégia de análise das palavras-chave referentes ao conteúdo abordado. Também foram feitas observações pelos membros do grupo e relatos individuais. Além disso, as reuniões do grupo pesquisador para reflexão dos temas indígenas destacados.

Essa perspectiva abriu a possibilidade de se estabelecer um panorama dos temas abordados destacando-se duas grandes áreas: A) Acesso aos saberes, às práticas e o modo de vida indígenas, bem remarcado na reconstrução do lugar para habitar. B) O conhecimento indígena enquanto a existência de uma lógica de compreensão diferenciada daquela acostumada herdada da educação greco-romana. A relação da população indígena com a sociedade é conflituosa cuja uma das razões a qual refletimos nesse tempo de convivência, de idas e vindas às aldeias e acompanhando o movimento principalmente dos líderes da Thá-fene é a compreensão da visão de mundo diferenciada e portanto práticas de vida diferenciadas que envolvem práticas de Educação-Sustentabilidade-Desenvolvimento.

A dificuldade se manifestou na tentativa de criar uma relação entre estudo de teorias (textos) considerando a compleximultiplicidade<sup>4</sup> dos temas abordados em sua diversificação, mas esbarrando na grande temática da sobrevivência indígena. Deste modo, priorizaram-se dois temas:

- a) a questão do acesso dos saberes, das práticas e do modo de vida e sustentabilidade da população indígena, no caso específico do grupo comunitário estudado, na educação, logo no ensino básico sobre a história e culturas indígenas enquanto

---

<sup>4</sup> Compleximultiplicidade implicando no reconhecimento da demanda de um longo trabalho de elaboração que dê conta dos princípios de um povo que dizem respeito aos pontos materiais caracterizados pela posição, espaço e tempo e sensibilidade às forças exteriores, por um lado e por outro, que dê conta da sua natureza e suas propriedades que mesmo sendo do humano o distingue, não por ter um comportamento único, mas mesmo afastado é como se persistisse um elo invisível.

conhecimento de ensino-aprendizagem para a formação de crianças e adolescentes e de professores.

b) a questão do conhecimento referente à descoberta e/ou elaboração de formas de saber e aprender diferenciadas, que dizem respeito à epistemologia do conhecimento indígena engendrada pelo espírito da natureza e seus elementos.

A proposta é então para a difusão do vídeo indígena nas escolas públicas do Estado da Bahia visando à integração do currículo da educação básica atendendo à Lei 11.645/2008. E ainda que os direitos sejam reconhecidos para a comunidade indígena que compõe a presente proposta.

## **CONCLUSÕES**

No aspecto específico da pesquisa alcançamos alguns resultados que consideramos de impacto no contexto da educação na Bahia e mais diretamente na Universidade do Estado da Bahia e sobretudo para os indígenas, habitantes da Reserva Thafene. Um dos resultados mais emergente é que esse vídeo venha a ser difundido sendo um produto de geração de renda dinheiro para os habitantes da Reserva. Vimos que a criança ocupa lugar de destaque no fazer cotidiano.

A realização do vídeo-documentário intitulado “um dia na Thafene” ou “une journée à Thafene” corresponde a um retrato primeiro da saga indígena Fulni-ô e Kariri-Xocó no Nordeste. é uma descrição do cotidiano na Reserva que revela o modo de viver de jovens com traços culturais impregnados da etnicidade indígena herdada cujas práticas e saberes forjados na contemporaneidade servem de pano de fundo para a sobrevivência no Município de Lauro de Freitas – Bahia.

No âmbito da relação institucional com a UNEB, já se configura uma prática institucional da participação de alunos regulares não índios, desenvolvendo pesquisas com temáticas indígenas e nossa solicitação da inclusão dos saberes e práticas indígenas nos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* da Universidade em Educação e em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional, através da criação de disciplinas. No Programa de Mestrado e Doutorado em Educação e Contemporaneidade

temos a primeira aluna indígena Tuxá da região de Ibotirama-Bahia, aprovada na seleção para alunos regulares de 2008. De modo diferenciado “uma jornada na Thafene” inclui não somente o ensino de graduação, mas tangencia, através dos diferentes setores que constituem as estruturas mesmas da universidade, o ensino-pesquisa-extensão, em suas bases sócio-filosóficas norteadoras, de modo a referenciar áreas de conhecimento emergentes, tais como: desenvolvimento regional/local e sustentabilidade, memória, pluralidade cultural e educação, ciência e tecnologia, relacionando-as com a ética da natureza.

Vale salientar que na realização das atividades do grupo de pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional, como por exemplo, seminário, para apresentação de dados da pesquisa na Universidade, foi sempre um esforço do grupo considerar como principais protagonistas dos referidos eventos, isto é , (palestrantes, responsáveis pela fala) os indígenas envolvidos no projeto de pesquisa. De modo geral, esperamos que esse vídeo seja utilizado como dado que contribui para o processo de avaliação do impacto da política das ações afirmativas no ensino superior na UNEB e que possa ser útil no fomento à pesquisa em torno da possível igualdade no viés da etnicidade.

## REFERÊNCIAS

- AUMONT, Jacques e Outros. **A estética do Filme**. Campinas, São Paulo: Papirus. 1995.
- BAHIA/FAZCULTURA. Programa Estadual de Incentivo à Cultura. **Índios na Visão dos Índios - Kariri-Xoco**. 1999.
- \_\_\_\_\_. Programa Estadual de Incentivo à Cultura. **Índios na Visão dos Índios – Fulni-ô**. 1999.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Editora UFMG. 2001.
- BURNHAM, Teresinha Fróes. **Complexidade, Multirreferencialidade, Subjetividade**: Três referências polêmicas para compreensão do currículo escolar. Em Aberto. Ano 12.n. 58. Brasília: Abril/jun. 1993.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. Selo Negro. Summus. São Paulo. 2000.
- CARVALHO, Ieda Marques de. **Professor indígena: um educador do índio ou um índio educador**. MS. Campo Grande: UCDB. 1998.
- GAUTHIER, J., e GAUTHIER, Leliana de S. A relação com o saber de alunos, pais e professores de escolas da periferia de Salvador, Bahia – estudo sociopoético. In. CHARLOT, Bernard. (org.) **Os Jovens e o saber**. Perspectivas mundiais. Porto Alegre: ARTMED Editora. 2001.
- CERTEAU, Michel de . **A Cultura no Plural**. Papirus, 2a. edição, Campinas, São Paulo, 1995.
- CERTEAU, Michel de . **A invenção do cotidiano**. Papirus, 2a. edição, Campinas, São Paulo, 1989.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CHARLOT, Bernard. **Du Rapport au Savoir**. Éléments pour une théorie. Anthropos. Economica. 1997.
- D'ANGELIS, Wilmar e VEIGA, Juracilda (Orgs.) **Leitura e Escrita em Escolas Indígenas**. ALB: Mercado de Letras. Campinas. São Paulo. 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28a. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.
- GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**. Loyola. 1995.
- KOWARICH, Lúcio. **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra. 1988.
- KOHN, Ruth Canter. **Les Enjeux de L'Observation**. Anthropos. Economica. Paris. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Les positions du Praticien-Chercheur**, Paris, Mars, 1997.
- MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais. - o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Gramond. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Les Sept Savoirs Nécessaires à l'Éducation du Futur**. Seuil. France. 2000.
- \_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola Indígena**. Palco das diferenças. Col. Teses e dissertação em educação. v. 2. MS. Campo Grande: UCDB. 2004.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas. São Paulo: Papirus editora. 2005.

RIBEIRO, Berta G. **O Índio na Cultura Brasileira**. Editora Revan. Rio de Janeiro. 1987.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. 2a. ed. São Paulo. Paz e Terra. 1988.

SANTOS DE SOUSA, G. Leliana. Les interférences culturelles dans les rapports aux savoirs des élèves, des enseignants et des parents à Salvador de Bahia: **Une étude sociopoétique des influences afro-indigène brésiliennes à l'école**. Thèse de doctorat. Université Vincent Saint-Denis - Paris VIII. France. 2003.

SCHERER-WARREN, I. **Transformações Sociais e Dilema da Globalização**. Cortez. São Paulo:

SODRÉ, Muniz. **Identidade, Povo e Mídia no Brasil**. (Coleção Identidade brasileira). Vozes. Petrópolis. 1999.

UNEB. **Sementes. Caderno de Pesquisa. Ética da Co-existência**, Volume 05, número 7 - jan/dez 2004. Campus I - Salvador- Bahia. 2004.